

Discurso do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de apresentação da agenda das ações preparatórias da comemoração do Dia Mundial da Alimentação

Data: 07/10/2004

Eu quero, mais uma vez, cumprimentar o nosso amigo Jacques Diouf, diretor-geral da FAO,

O nosso querido ministro Patrus,

Os nossos companheiros Celso Amorim, Roberto Rodrigues, Ciro Gomes, ministro Dulci e José Fritsch,

Quero cumprimentar o representante da FAO no Brasil, o nosso amigo Tubino,

Quero cumprimentar o nosso querido Chico Menezes, presidente do Consea,

Quero cumprimentar todos os membros do Conselho de Segurança Alimentar,

Os empresários,

E os nossos amigos que estão participando deste evento,

Eu devolvi o meu discurso porque eu acho que todos nós estamos com fome, e no Dia Mundial, na semana em que a gente comemora a Semana Mundial da Alimentação, a gente não pode ficar falando muito.

Eu queria apenas dizer algumas coisas ao meu amigo Diouf e às pessoas que estão comprometidas com a luta contra a fome.

Primeiro, nós temos que estar convencidos que nós precisamos transformar a fome num problema político. E transformar a fome num problema político não é discutir apenas o problema da fome, é discutir o modelo de desenvolvimento das nações, é discutir a biodiversidade do Planeta, é discutir as políticas de microcrédito que temos para as pequenas empresas, é discutir que tipo de agricultura familiar e que tipo de organização nós temos; é discutir que tipo de crédito e que tipo de modelo de desenvolvimento nós queremos para os pequenos agricultores, nos países em vias de desenvolvimento; é discutir a geração de empregos; é discutir não apenas a questão da fome; a fome, na verdade, é o resultado da inexistência dessas outras políticas.

E nós estamos convencidos que é preciso muita teimosia, é preciso muita perseverança da nossa parte para convencer um país em desenvolvimento, ou para convencer uma pessoa que nunca passou fome a se preocupar com os que estão passando fome.

Eu não acho que as pessoas não se preocupam porque não são humanas, não têm o coração bom; é porque não está no seu cotidiano a discussão da fome. Imaginem convencer um político europeu, um político americano, ou mesmo um político saído das classes mais abastadas do Brasil a se preocupar com a fome. Não está no seu cotidiano, ele não passa por isso, no seu dia-a-dia. Então, ele não tem nenhuma razão de estar preocupado. Os que passam fome é que precisam fazer com que eles entendam.

Como os que passam fome não têm muita possibilidade de se organizar, porque quem está com fome não tem sindicato e não tem, muitas vezes, nenhuma organização, essas pessoas precisam de ajuda. Nós temos que juntar, no mundo, aqueles seres humanos que se preocupam com isso e começar a gritar, começar a bradar bem forte, para que as pessoas comecem a perceber que esses seres humanos existem.

É por isso que eu faço questão de repetir sempre que a fome é a arma mais mortífera que nós temos, hoje, no planeta Terra. Não tem arma química que destrua mais do que a fome. Nenhuma guerra destrói tanto quanto a fome está destruindo. Numa guerra mata-se soldados, a fome mata crianças e, muitas vezes, ainda no útero da mãe, quando não mata a mãe junto. Mata crianças com meses de idade, com dias e com poucos anos. E, se não mata, debilita. É por isso que a Organização Mundial da Saúde afirma que num país do tamanho do Brasil nós temos, no mínimo, 16 milhões de pessoas com algum problema de deficiência mental, muitas delas decorrentes da fome, decorrentes da falta de nutrição no momento certo.

Então, meu caro Diouf, o desafio é muito grande. É muito grande, muito difícil. Eu digo sempre que aqui, no Brasil, nós temos condições, temos vontade política, temos os recursos, temos tecnologia, temos terra, temos agricultores para que a gente resolva esse problema. Esse problema não pode acontecer no Brasil, em hipótese alguma.

Eu acho que Deus, quando fez a maquete e projetou o mundo, não poderia um país ter sido mais beneficiado que o Brasil e, portanto, nós temos todas as condições. E espero terminar o meu mandato no dia 31 de dezembro, atendendo os números que eu me propus atender, que eram os dados do IBGE. Espero até que não tenha mais tantas pessoas passando fome, porque como a economia está crescendo e o emprego voltou a crescer, eu acho que vai ter menos gente, até lá. Mas se não acontecer isso, nós vamos atender aos 11 milhões de famílias que nos propusemos atender. Este ano, chegaremos a 6 milhões e meio de famílias; no ano que vem, chegaremos a 8 milhões e 700 mil famílias; em 2006, chegaremos às 11 milhões de famílias previstas.

Mas não é apenas isso. Quando o Patrus citou ali o aumento da merenda escolar, que para o próximo ano será de 18 centavos, parece pouco, mas é importante lembrar que quando foi criado, em 1993, era 13 cents de dólar. E o dólar valia quase 1 real. Um real valia um dólar. Só que depois o dólar passou a valer 4 reais, agora está valendo 2,80 e continuou 13 cents, não de dólar, mas de centavos de reais. Então, nós estamos reajustando, para o começo do próximo ano, em 40%. É o primeiro reajuste desde 1993. O Chico, do Consea, ficou muito feliz com isso. E eu espero que os outros também.

Mas, mais importante do que isso, o nosso ministro Patrus também falou em passant – você não vai precisar traduzir o en passant – eu, realmente, preciso aprender a não burlar o protocolo... mas, uma coisa importante que aconteceu este ano e que nós estamos provando que é possível fazer, não custa tanto, é preciso apenas determinação, é a agricultura familiar

que nós estamos priorizando, porque a chamada agricultura empresarial já não tem mais medo de competir com nada que exista no mundo, porque temos tecnologia e competência para produzir em quantidade e qualidade mais do que qualquer país do mundo. Mas, na agricultura familiar nós estamos dando uma atenção especial, é por isso que nós colocamos mais crédito. É por isso que nós estamos comprando nas regiões mais empobrecidas do país a agricultura dos pequenos agricultores; é por isso que nós criamos o Seguro Agrícola e um seguro agrícola diferenciado, em que o produtor vai ao banco, toma o dinheiro emprestado, faz o seu seguro e, se perder toda a sua plantação, ele não apenas terá a cobertura total do seguro, como ainda vai receber 65% daquilo que seria o lucro que ele ia ter com o resultado da sua colheita, para que possa tocar a sua vida no ano que vem. Ou seja, estamos tentando dar ao pequeno produtor exatamente a importância que ele tem para continuar produzindo no campo. Porque não é só cuidar da biodiversidade, é dar, é utilizar todo o potencial da multifuncionalidade da terra, para que ele possa produzir mais, para que ele possa gerar mais riqueza, mais produtos, e que possa ganhar um pouco mais de recursos.

Além disso, nós fizemos uma coisa importante, para valorizar a mulher também, que está incluída na Política de Combate à Fome, que foi a necessidade da mulher também ter o seu financiamento. Se o marido fizer um financiamento, a mulher pode ir ao banco e fazer um outro financiamento, sem precisar do marido para dizer: "Faz ou não faz". Ela vai poder fazer, o que é uma política de valorização da mulher no nosso país. Essas são políticas que estão começando e nós acreditamos que vão dar resultados extraordinários.

É por isso que nós temos insistido, em fóruns internacionais, na questão do combate à fome. Eu sei que é muito difícil convencer uma pessoa a dar 1 real, 1 dólar ou 1 yen para combater a fome, se ela não sabe para onde vai o seu dinheiro.

Esse negócio de combater a fome é menos bravata, é menos discurso ideológico. É, na verdade, falar com o coração das pessoas. É falar com aquilo que o ser humano tem de mais sagrado, que é a sua sensibilidade. Não adianta ficar nervoso porque o presidente Bush não concorda com o Fundo de Combate à Fome. Não adianta ficar de cara feia, é preciso que a gente o convença disso, é preciso que a gente convença aqueles que não estão convencidos e faça aqueles que estão convencidos contribuírem. Porque, em encontros internacionais, tem muita gente que concorda com tudo na teoria mas, na prática, as coisas não andam, demora. E Vossa Excelência, como Presidente da FAO, sabe como é difícil. Então, nós estamos tentando fazer uma coisa em que mexemos com os corações das pessoas.

Eu sempre disse e vou repetir aqui: não é possível resolver os problemas do mundo apenas com a sabedoria da nossa mente. É preciso que a gente utilize 50% da nossa inteligência mental, mas que use 50% do nosso coração, da inteligência do coração, para que a gente possa mexer com as pessoas.

E esse é um papel que não depende de um país, de dois países ou de vários países. É preciso que as ONGs se metam nisso, é preciso que as igrejas se metam nisso, é preciso que os partidos políticos se metam nisso, é preciso que os sindicatos entrem nisso. Não pode ser um problema menor.

E, quando todo mundo estiver discutindo isso, podem ficar tranquilos que os partidos políticos vão ficar sensíveis, que os governantes vão ficar sensíveis, que os parlamentos vão ficar sensíveis e que nós vamos conseguir dar um salto de qualidade extraordinário.

É com essa idéia que eu trabalho. Muitas vezes, meu caro Diouf, nem os próprios países pobres têm uma definição clara do projeto de que eles precisam. Nós temos que ajudá-los a pensar, a discutir, para que a gente dê mais objetividade aos projetos, para que a gente possa, efetivamente, convencer as pessoas.

Eu aprendi com o meu companheiro Palocci que não é o dinheiro que faz a grande obra, é o bom projeto que faz o dinheiro. E serão os bons projetos que vão garantir a solidariedade, que vão garantir o comprometimento das pessoas.

Aqui no Brasil, no ano passado, nós tivemos uma experiência rica. Nós conseguimos, através do trabalho imenso do nosso companheiro Oded Grajew, juntar 1 milhão e 600 mil dólares de empresários brasileiros ou de empresários de empresas estrangeiras, aqui no Brasil, e estamos começando um primeiro projeto na Guiné Bissau. É uma primeira experiência. E se a gente trabalhar diretamente, a gente pode convencer outros empresários a dar, a gente pode convencer outros governos a entrar nisso.

É por isso que nós precisamos criar um movimento, que não é um movimento... Eu posso te dizer, meu caro Diouf, da experiência brasileira. Eu estou com 59 anos de idade – quem quiser me dar presente, eu faço, no dia 27, 59 anos – o povo brasileiro é muito inteligente e poucas vezes, na história deste país, eu vi um movimento de solidariedade como nós vimos nessa política de combate à fome, poucas vezes.

Ainda ontem, recebi o pessoal de uma associação riquíssima, de Minas Gerais, a ABCZ, que é uma associação de criadores de gado zebu. No leilão, eles arrecadaram 188 toneladas de comida para o programa Fome Zero. Estão acontecendo coisas extraordinárias no Brasil que o governo não tem nem controle, e é bom que não tenha mesmo. Tem shows de artistas, tem peças de teatro, tem jogo de futebol, tem escola de samba, tem quermesse nas igrejas e todos incluem a arrecadação de alimentos no pagamento da entrada desses shows e todos estão

arrecadando de forma extraordinária, e entregando para uma comunidade. O Presidente da República não tem que saber quem está recebendo, o Presidente da República tem que saber que as pessoas estão comendo, é isso que, no fim, me interessa. É por isso que eu acredito nessa política de solidariedade, eu acredito que nós temos condições de mexer com corações e mentes.

Acontece que, muitas vezes, em países pobres, tem presidentes que não estão preocupados com a fome. Não é uma prioridade zero, não é uma prioridade acabar com isso, e com fome as pessoas não podem fazer mais nada. Com fome você não trabalha, você não estuda, você não tem nada. Então, eu acho que a FAO pode sair do Brasil com a seguinte convicção: nós vamos cumprir com a nossa meta. Queremos que o cumprimento das nossas metas sirva como exemplo para que outros países iguais ao Brasil possam cumprir. O Brasil não precisa pegar um único dólar de nenhum fundo internacional de combate à fome, porque eu acho que o Brasil tem condições de resolver o seu problema. O Brasil tem que ser contribuinte e não tomador de empréstimos desses fundos. Nós, inclusive, estamos criando um prêmio em que a gente vai premiar as prefeituras brasileiras que melhor cumprirem as Metas do Milênio. Cada ministro do meu governo vai ter que instituir um prêmio para a Educação, para a Saúde, para a Secretaria da Mulher, para que a gente possa ter a certeza de que, quando chegarmos em 2015, vamos analisar as Metas do Milênio, e eu quero ter o prazer de, pelo menos, chegar – qualquer que seja o governo, qualquer que seja o Consea, qualquer que seja a autoridade brasileira – e poder dizer: no Brasil, nós estamos vencendo os desafios colocados nas Metas do Milênio.

Podem trabalhar com a certeza de que a FAO tem, no governo brasileiro, em todo o governo brasileiro, e eu diria que tem numa grande parcela da sociedade organizada do Brasil, um parceiro de todas as horas para que a gente enfrente esse mal perverso, que é a fome no mundo.

Muito obrigado a vocês.